



**CARTA ENVIADA PARA Sr. Herton Escobar (Jornal Estado de São Paulo)**

Prezado Sr. Escobar,

Constantino me enviou seu e-mail para entrar em contato com você sobre o sistema de avaliação de atividade de pesquisa.

Na verdade, antes da carta do Constantino, eu estava pensando justamente em promover discussões, na área de partículas e campos. Enviei uma mensagem sobre esse assunto `a comissão, chamada de CPC, formada de 10 pesquisadores, e promover discussões relevantes para a atividade de pesquisa na área (ver a pagina, <http://www.sbfisica.org.br/~cpc/> ).

Sei que um sistema justo de fazer avaliação de atividades de pesquisa e sua qualidade é muito difícil, e muito fácil de criticar o que esta sendo feito. Não tenho intenção de desmerecer os esforços de membros de comissões e comitês de órgãos financiadores.

Por outro lado, uma forma de avaliação tem influencia bastante grande, podendo alterar a direção e tendência das atividades de pesquisa. Por isso mesmo, é importante que a forma de avaliação seja discutida, e a comunidade tem que se convencer de que pelo menos o sistema seja aceitável, se não perfeito. Assim, a discussão sobre isto sempre vale a pena.

Eu pessoalmente (gostaria de enfatizar este ponto para evitar desentendimento. O que está abaixo é a minha opinião realmente pessoal, e não necessariamente reflete a opinião da comunidade da minha área).

Acho que certos critérios adotados atualmente levam distorções. Vou tentar escrever o que eu penso e o que acho que pode ser feito (desculpe o meu português, pois após de 35 anos no Brasil, ainda não aprendi bem... mas espero que você consiga compreender).

1) Utilizar o índice de impacto das revistas para eliminar contagem de artigos elegíveis para a renovação de bolsa, ou avaliação de pós-graduação. Isto é certamente muito perigoso, levando ao imperialismo tipo americano. Com esse critério, os trabalhos publicados na nossa própria revista, Brazilian Journal of Physics, que tem índice 0,5 não serão considerados. Então quem querará publicar trabalho em Braz. J. Phys? A revista tem 30 anos no pais, e a nossa comunidade se esforça para manter a revista, tentando melhorar a qualidade. A FINEP e CNPq financiam e a SBF faz esforço, porque e para que? Acho o pais tem que preservar seu patrimônio cultural o que é importante, como fazem outros países.

Outro aspecto desse índice de impacto é que certas áreas que tem menos popularidade, embora não sejam menos importantes se prejudicam. Por exemplo, J. Math. Phys. tem o fator 1.0. Sabemos que não pode dizer que a revista é um lixo. Pelo contrário a seleção é extremamente profissional e rígida, e por isso, como

pode ser visto pela vida média de citação desta revista, que é de mais de 10 anos! O índice é pequeno, pois a área é pequena. Foi comunicado que essa revista em particular está sendo considerada pelo CA/CNPq, mas existem outros casos. Um exemplo, *Foundation of Physics*, de fato, o fator de impacto é 0.8 mas a vida média de citação de um artigo é 7.8 anos. Isto implica que estas revistas têm seleção bem criteriosa de tal modo que os artigos publicados têm longa vida de citação. (Naturalmente existem revistas novas que ainda não pode ser julgado neste aspecto). Existem várias revistas são de excelente qualidade, adequada para cada assunto do trabalho, e não vejo porque se tem que escolher uma determinada revista em relação a outra, só por causa de porque o índice é 2.0 no lugar de 1,4, por exemplo. Em geral, o índice de impacto tem correlação com a maior circulação, mas a diferença de 30% neste número não significaria absolutamente nada comparado com o perigo de se criar um imperialismo não saudável no desenvolvimento da ciência no país. (Naturalmente, se um pesquisador publica artigos sistematicamente nas revistas com o índice bem baixo mesmo havendo outras revistas adequadas, aí até se poderia ponderar esse fato na avaliação.)

2) Não considera os trabalhos publicados nos Proceedings. Isso também cria distorção e injustiça enorme. Existem Proceedings e Proceedings. Suponhamos que um pesquisador seja convidado para um "plenary talk" em alguma reunião importante. Neste caso, o trabalho que dá para preparar o artigo para os proceedings será muito maior do que escrever um artigo comum, pois este tipo de trabalho envolve uma revisão cuidadosa e completa do assunto. Também, sabemos que a seleção de um trabalho para "oral talk" em uma conferência principal de área, que no meu caso por exemplo, seria o Quark Matter, é muito mais seletiva do que publicar um artigo em *Phys. Rev. C* (que tem índice de impacto maior que 2).

Para proceedings, o índice de impacto da revista que publicação proceedings tem significado de certa forma. (não critério de função degrau, mas com peso). Pois sei que o corpo editorial decide publicar o proceedings de uma certa reunião pensando em que isto influenciaria no índice da revista. No exemplo de Quark Matter acima, sempre há competição para publicar os proceedings entre *J. Phys. G* e *Nuclear Physics*, e outros candidatos, pois a publicação de Proceedings de Quark Matter contribui positivamente para o índice de impacto da revista.

3) No atual sistema de avaliação, que considera o número de publicações, independentemente de participação real no trabalho, pode causar situação extremamente desagradável. Por exemplo, digamos um pesquisador, que não seja individualmente extra ordinária, mas que pertença a um grupo bem ativo, levará a vantagem e até garanta sua bolsa em relação a um pesquisador que batalha sozinho num lugar onde não há grupo ou colaboradores. Para mim, do ponto de vista de estimular a atividade científica no país de forma saudável, a bolsa seria mais valiosa para os pesquisadores isolados do que para pesquisador não muito independente, que aparenta ser produtivo por causa do grupo a que pertence. Então como se avaliaria a independência intelectual de um pesquisador? Certamente não pelo número de publicações. Devem existir vários outros fatores a serem considerados, mas como falei, criticar é fácil. Quais seriam alternativas? Sei que é difícil estabelecer regras simples para introduzir um limite de corte ou classificação quando o número de vagas disputadas é bem menor que satisfatório. Mas devemos nos esforçar ao máximo para evitar critérios que possam provocar distorções. A seguir a minha idéia de como minimizar o problema.

Para resolver o problema acima o melhor solução será aumentar o numero de vagas para atender todos os pesquisadores qualificados sérios, e produtivos, sem usar critérios tão burocráticos que dependem de parâmetros perigosos.

Mas isto pode ser ideal demais e impraticável. No meu ver, uma solução menos ruim será de introduzir participação efetiva de maior numero de pesquisadores no sistema de avaliação. Isto reduzira as flutuações de avaliação e resultados tendenciosos, que pode ocorrer por uso de critério numérico da forma rígida por pequeno numero de avaliadores.

A minha sugestão pode ser um pouco mais trabalhosa do que atualmente feito, mas se o maioria da comunidade concorda, vale a pena fazer esforço para implementar. (Naturalmente posso estar despercebendo algum efeito colateral ou defeito, ou dificuldades na pratica, mas gostaria de ouvir outras opiniões)

1) Dividir a comunidade em vários subáreas de acordo com os temas de pesquisa, tal que cada subárea contenha no máximo cerca de 100 a 200 pesquisadores, e no mínimo de, digamos 50 pesquisadores (definição de subárea e os números a serem discutidos pela comunidade, digamos pela SBF no caso da Física).

2) Distribuir o numero de vagas para cada subgrupo, proporcional ao numero de pesquisadores.

3) Elaborar uma lista de pesquisadores ad-hoc para cada subárea, formado de especialistas sênior da cada área, inclusive pesquisadores estrangeiros.

4) Na época de avaliação, o comitê seleciona nomes de avaliadores ad-hoc para cada candidato, e coletar as opiniões sobre o candidato, inclusive indicação de especificação, como nível A,B, C,D.. (esses niveis tem que ser definidos pelo órgão avaliador, indicando seu perfil ).

Idealmente falando, se garantir coletar opiniões de mais de 10 especialistas que trabalham no assunto, se teria uma boa avaliação adequada de um pesquisador, comparativamente dentro da área.

O sistema acima também atenderá, pelo menos parcialmente, o problema que ocorre sempre na avaliação de pesquisadores que participam numa colaboração internacional de pesquisa muito grande, tais como física experimental de altas energias, etc. Essas colaborações podem constituir uma subárea ou agrupadas em alguns subáreas.

Infelizmente o sistema de ad-hoc atual no CNPq é extremamente precário. As vezes a solicitação de ad-hoc vai para uma pessoa que absolutamente não tem competência para essa tarefa, pois a seleção de ad-hoc esta sendo feita administrativamente, e as vezes ocorre erros grosseiros. Por exemplo, eu já recebi o meu próprio processo para relatar e sei que isto já aconteceu para outras pessoas.

Ficou bastante extenso essa mensagem, mas isso que eu penso.

Um abraço,

T.Kodama

Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 2008